

## REVISITANDO GUARDADOS DAS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS ESCOLARES

**JABLONSKI, Annanda Diléia**

Programa de Pós-Graduação em Educação – FAE/UFPel

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante do meu projeto de mestrado no qual problematizo sobre as minhas primeiras lembranças escolares buscando as imagens que compõem os reservatórios do meu imaginário. Penso que estas imagens constituíram-se em processos (auto)formadores, por fazerem parte das vivências que foram significativas. Por esse motivo, tais vivências tornaram-se o meu campo empírico, no sentido de apropriar-me sobre o que vivi. Quero entender aquilo que passou, mas que continua me afetando, presentificando<sup>1</sup> tais vivências, através de lembranças, memórias, objetos e da própria imaginação. Para isso, tenho como questão de pesquisa e investigação, o seguinte: Que imagens emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares?

Como objetivo geral, busco desenvolver neste estudo a relevância da Memória e do Imaginário como potência de autoformação, sobretudo, considerando a importância de um ensino-aprendizagem capaz de valorizar os processos subjetivos<sup>2</sup> dos alunos. A relevância em pesquisar e estudar essas questões tão peculiares e ao mesmo tempo tão arrebatadoras para mim, aliadas aos estudos em torno do imaginário, está na importância de pensar e apostar em

práticas que considerem aspectos da emoção, do sonho, enfim de uma dimensão poética da vida [...] porque nelas reside o valor simbólico da expressão de quem busca 'outras' formas e modos de conhecer e, assim, se auto-conhecer. (PERES e KUREK, 2008, p. 2)

Através de estudos sobre imaginário juntamente com o GEPIEM<sup>3</sup> (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória), e de leituras de diversos autores, entre eles Juremir Machado da Silva (2006), tenho aprendido que não há para o Imaginário uma definição formulada e acabada, já que se trata de um conceito muito amplo. Segundo ele,

Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes. (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 8)

---

<sup>1</sup> Para Gilbert Durand, um dos autores guias dos estudos do imaginário, presentificar significa tornar presente um objeto ausente.

<sup>2</sup> Processos que acontecem no espaço íntimo do indivíduo, composto por emoções, sentimentos e pensamentos; processo singular e, que, portanto pertence ao si-mesmo, pois integra o domínio das atividades psíquicas.

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa, do qual faço parte, que procura – seguindo a luz do Imaginário – outras formas de reinventar a formação e de experimentar a autoformação.

Acreditando nessa possibilidade de dar forma ao vivido através da narrativa, trarei ao longo da pesquisa um pouco da minha trajetória de vida, através da uma “narrativa inacabada”, como nos propõe o autor, procuro narrar “desde de dentro” o pouco que sei. No momento que vou buscar as imagens que emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares, penso que me utilizarei da memória como a ponte que faz a ligação entre o hoje e as minhas lembranças. Nesse sentido, vou adentrar nos elementos constitutivos do Imaginário como força motriz capaz de movimentar reservatórios decantados do vivido. Ambos, memória e imaginário, podem constituir-se em potências de autoformação, uma vez que possibilitam a formação do si partindo da reflexão e apropriação sobre a sua própria história.

Como nos diz a autora Marie-Christine Josso (2009), “a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida” (p. 136). É o que assumo ao escolher as minhas primeiras vivências escolares. Um compromisso de reflexão sobre elas, capaz de elevá-las ao nível de experiências autoformadoras. Uma reflexão que tomará como objeto todas as vivências e lembranças que já existem e que ainda virão à tona (ou não) no decorrer desta pesquisa.

## 2 . METODOLOGIA

Fazendo minhas as palavras de Juremir (2006) quando fala que

método é o caminho que se faz caminhando. Logo, só se conhece, de fato, o caminho feito ao final da caminhada. Metodologia é um conjunto de procedimentos adotado para começar a abrir o caminho (p. 83).

Assim, os procedimentos que adoto para abrir o caminho desta pesquisa são os seguintes:

- Fazer um levantamento de imagens evocadoras das minhas lembranças – fotos, desenhos, fatos, dentre outros. Estes evocadores serão escolhidos a partir do que julgo ter sido importante para a minha formação e que estão nos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares.

- Pesquisa bibliográfica, juntamente com um levantamento sobre estudos deste tipo;

- Contato com (dois ou três) colegas daquele tempo para saber deles o que lembram daquele tempo e, conseqüentemente descobrir o que isso vai evocar em mim;

- Registros em caderno de campo detalhando os acontecimentos, sensações e percepções ocorridas durante o percurso da pesquisa;

- Organização e seleção de todo o material coletado e posterior análise e estudo do tema, embasando-o e estruturando-o conforme as teorias estudadas.

### 3 . RESULTADOS E DISCUSSÕES

A discussão principal deste trabalho está em torno da seguinte idéia: estudar as minhas primeiras lembranças e memórias escolares pode possibilitar um maior autoconhecimento em torno das questões humanas e formadoras do meu ser. No âmbito escolar e educacional, entender como se constituiu o processo de apropriações dos alunos no seu primeiro contato com a instituição escola, bem como analisar as relações entre suas vivências, seus processos de rememoração e imaginário, é de suma importância, visto que é nesta fase que começam a se construir as primeiras experiências e aprendizagens escolares das crianças. Como reforça Delory-Momberger (2008), ao se referir à biografia educativa como fundamento dos saberes da ação,

As estruturas do mundo-de-vida elaborado na primeira infância, são [...] as mais fecundas, e é na relação com essas estruturas primeiras que os indivíduos situam as experiências de socialização secundária que conhecem ao longe de sua existência (p. 116).

Nessa fase da vida, a experiência da escola toma forma, incorpora objetos e constrói saberes, comportamentos e valorizações. Por isso buscar entender como funciona esse processo tão subjetivo e individual ao mesmo tempo em que coletivo, significa mostrar interesse e preocupação com o que se passa em cada ser/aluno envolvido no processo de ensino-aprendizagem. Penso que ao tomar contato com a escola, a criança tem a oportunidade de fazer parte de um ambiente e uma configuração diferente da familiar, que pode lhe proporcionar a experiência de uma vida social com regras e limites que deverão ser seguidos para que o bem estar comum seja alcançado. São valorizações da vida em sociedade que nem sempre podemos vivenciar na família, ou que muitas vezes é somente nela que encontramos. Delory-Momberger (2008) esclarece que “o modo como os alunos vivem, representam e significam a escola e o que fazem ali não podem deixar de corresponder, sob formas diversas, ao modo como eles próprios ‘se narram’ e o que eles narram sobre si mesmos” (p.114).

### 4 . CONCLUSÕES POSSÍVEIS ATÉ AQUI

Como esta pesquisa encontra-se ainda em andamento, a fase de coleta dos dados ainda não está concluída. Entretanto, já posso afirmar, a partir das leituras, estudos e de todo trabalho feito até aqui, que remexer as nossas próprias lembranças é algo muito desafiador. Desafiador porque requer, além de tempo e muita procura, uma certa abertura para o passado. Trata-se de um olhar aberto para o risco do nosso bordado.

Magda Soares em seu livro “Metamemória – Memórias, Travessia de uma Educadora” (1991), compara a vida com um bordado. Segundo Magda, “o risco é de Deus, mas o bordado é nosso” (p. 29). É como se o traço da nossa vida já estivesse lá, pronto, desenhado por Deus, mas cabe a nós segui-lo ou não com a nossa linha e agulha, com o nosso repertório, construindo aos poucos o nosso próprio bordado, a nossa própria história. A autora, lembrando as idéias de Machado de Assis, também compara a vida com uma peça de teatro, onde os acontecimentos ocorrem

sem a necessidade de ensaios e onde os atores sabem os papéis sem mesmo terem lido o texto.

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado. E é então que se pode escrever – como agora faço – a “história”. (SOARES, 1991, p.28)

Este é o meu momento de olhar para o bordado já feito. Sei que quem olha o passado são os meus olhos do agora, diferentes daqueles que olhavam e viviam as experiências aquelas, de 19 anos atrás. Hoje, esses olhos têm uma limitação outra, a limitação de ver somente através de imagens recriadas, imagens guardadas na imaginação e na memória. Tenho a certeza de que “vejo o meu passado, vejo-me, não como foi, não como fui, mas como a que sou me mostra ter ele sido e ter eu sido” (SOARES, 1991, p. 39), ou seja, são com os olhos e as significações do agora, do momento presente, que vejo (e enxergo) o meu passado e o re-significo, em busca de respostas para a minha pergunta.

## 5 . REFERÊNCIAS

DELORY- MOMBARGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. In: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir Luís. Teias de Anima: Contribuições dos estudos do imaginário para a educação. In: **Revista @mbienteeducação**. V. 1, n. 1 – Jan/Julho, 2008, São Paulo.

SOARES, Magda B. **Metamemória – Memórias: Travessias de uma Educadora**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.